



SEÇÃO: ARTIGOS E ENSAIOS

## Serviço Social e Marxismo: tendências da formação acadêmica na PUCRS (1982-1996)

**Luciana do Nascimento da Silva<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0007-8518-5006](https://orcid.org/0009-0007-8518-5006)  
[lu.nasci11@gmail.com](mailto:lu.nasci11@gmail.com)

**Thaís Teixeira Closs<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-2602-883X](https://orcid.org/0000-0003-2602-883X)  
[thaisacloss@hotmail.com](mailto:thaisacloss@hotmail.com)

**Recebido em:** 25 jul. 2022.

**Aprovado em:** 12 mar. 2023.

**Publicado em:** 14 jul. 2023.

**Resumo:** O artigo é fruto de pesquisa na área temática dos Fundamentos Históricos e Teórico-Metodológicos do Serviço Social, a qual analisou a influência do marxismo na formação graduada da Faculdade de Serviço Social de Porto Alegre (PUCRS) no período entre 1982 e 1996, a partir de pesquisa documental em acervo histórico e realização de entrevistas. Discute-se o processo sócio-histórico de interlocução da profissão com o marxismo, tematizando as particularidades da formação profissional nos marcos do currículo de 1982 na PUCRS, recuperando o debate da literatura especializada e da memória docente e discente. Sistematiza dados dos trabalhos de conclusão de curso da PUCRS entre o período de 1982 a 1996 que dialogam com a teoria social marxista. Por fim, apresenta os principais achados da investigação e desafios para a realização de novos estudos com ênfase histórica sobre o tema.

**Palavras-chave:** Fundamentos do Serviço Social; historicidade do Serviço Social; marxismo; formação profissional.

**Abstract:** The article is the result of research in the thematic area of Historical and Theoretical-Methodological Foundations of Social Work, which analyzed the influence of Marxism on the graduation of the Faculty of Social Service of Porto Alegre (PUCRS) in the period from 1982 to 1996 through documental research in historical collection and conducting interviews. It discusses the socio-historical process of dialogue between the profession and Marxism, thematizing the particularities of professional training within the framework of the 1982 curriculum at PUCRS, recovering the debate of specialized literature and of teaching and student memory. It systematizes data from PUCRS course completion works between 1982 and 1996 that dialogue with Marxist social theory. Finally, it presents the main research findings and challenges for carrying out new studies with a historical emphasis on the topic.

**Keywords:** Fundamentals of Social Service; history of Social Work; marxism; professional qualification.

### Introdução

O presente artigo volta-se ao debate dos Fundamentos do Serviço Social, considerando que os mesmos "consistem na matriz explicativa da realidade e da profissão, permeando a interlocução entre Serviço Social e a sociedade" (YAZBEK, 2018, p. 47). Tais fundamentos, portanto, assentam-se em uma perspectiva de totalidade, uma vez que a "história da sociedade é o terreno privilegiado para apreensão das particularidades do Serviço Social: do seu modo de atuar e de pensar incorporados ao longo de seu desenvolvimento" (IAMAMOTO, 2014, p. 621). A partir dessas premissas analíticas, discute-se a incidência do marxismo na formação



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

profissional em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) entre os anos de 1982 e 1996.

O período em tela é denso de historicidade, com importantes transformações no âmbito da sociedade brasileira e do Serviço Social. Caracteriza-se, como um momento de politização do debate profissional, de intensa atuação das entidades da categoria, da emergência de produções que permitiram novas compreensões sobre o próprio significado social da profissão, processos que repercutem decisivamente na construção do atual projeto ético-político. A conjuntura sociopolítica desse período é um vetor fundamental dessas transformações, marcada pela reinserção da classe trabalhadora no cenário político, pelas lutas em torno da redemocratização da sociedade e pela ampliação de direitos, na qual a construção da Seguridade Social teve um impacto preponderante nas lutas profissionais e no redimensionamento dos espaços sócio-ocupacionais de trabalho de assistentes sociais no país.

Uma mirada panorâmica para esse período permite destacar profundas mudanças que se estabelecem no seio da profissão, enfeixadas neste solo sócio-histórico (CLOSS, 2017): o amadurecimento teórico-intelectual da ruptura política com o conservadorismo, considerando os antecedentes e os desdobramentos do III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais de 1979; a ampliação e a consolidação da pós-graduação da área, dinamizando o adensamento da produção sobre os fundamentos profissionais; duas mudanças curriculares no âmbito da formação graduada (Currículo Mínimo de 1982, Diretrizes Curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social [ABEPSS], de 1996) e na normatização da ética profissional (Códigos de Ética de 1986 e 1993), bem como uma nova lei de regulamentação da profissão, as quais, em conjunto, representam um amplo processo de debate sobre a direção social e teórico-metodológica do Serviço Social brasileiro; as alterações nas entidades organizativas da profissão, engendrando uma atuação política com profunda

sintonia histórica com as lutas sociais da classe trabalhadora; a construção coletiva e conquista da hegemonia de um projeto ético-político profissional com bases teórico-metodológicas críticas e orientado por valores sociais emancipatórios.

Nesse sentido, destaca-se a importância da ampliação dos estudos históricos sobre a profissão nesse período, em especial no que tange às tendências teórico-metodológicas da formação profissional, atribuindo maior visibilidade ao processo de interlocução do Serviço Social com o marxismo. O currículo de 1982 foi fundamental na superação do ensino pautado na abordagem do Serviço Social de Caso, Grupo e de Comunidade, afirmando seja a pesquisa no âmbito da formação, como também um trato mais sistemático do marxismo, embora de forma frágil no que se refere a sua rigorosa apropriação, como revelou o estudo de Quiroga (1991). Ressalta-se, também, as contribuições da pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Ensino de Serviço Social (ABESS) em parceria com a PUC-SP sobre as tendências regionais da disciplina de Metodologia, como documenta o caderno ABESS n. 3 de 1989, estimulando amplos debates sobre a tricotomia entre história/teoria/método, expressa nas disciplinas fragmentadas de História, Teoria e Metodologia do Serviço Social. Como aponta Simionatto (2018), os resultados dessa pesquisa permitiram um aprofundamento significativo em termos do projeto formativo, problematizando a visão tripartite do positivismo, da fenomenologia e do marxismo, bem como dos ecletismos e dos sincretismos, adensando a compreensão das matrizes do pensamento social e das concepções de teoria e de metodologia a ela inerentes, afirmando a unidade entre história, teoria e método que é fundante do pensamento marxiano.

Esse processo de amadurecimento intelectual foi essencial para a construção das Diretrizes Curriculares da ABEPSS (1996), pois a formulação das mesmas situa-se no quadro da difusão dos acúmulos teórico-metodológicos proporcionados pela maturidade da vertente de ruptura (NETTO, 2004) ou, como denomina Iamamoto (2018), no contexto da segunda aproximação da profissão

com o marxismo, na qual se estabelece tanto uma relação de continuidade como de ruptura com o legado no movimento de reconceituação latino-americano, superando lacunas presentes nas primeiras interlocuções do Serviço Social com essa matriz do pensamento social.

Nessa perspectiva, o presente artigo sistematiza resultados de dissertação (SILVA, 2021), a qual objetivou o resgate da memória histórica do Serviço Social por meio de pesquisa documental e de fontes orais. Apresenta dados de entrevistas realizadas com estudantes de Serviço Social e docentes do curso de Serviço Social na PUCRS no período histórico em tela, bem analisa fontes documentais, obtidas a partir de trabalho de campo no "Acervo Lúcia Castillo".<sup>2</sup> Nesse acervo foram identificados 615 volumes de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) defendidos entre os anos 1982 e 1996. Dentre esse universo, foram selecionados 63 trabalhos para análise, tendo como critério de inclusão aqueles que realizam citação direta às obras de Marx e Engels (8 de 615) ou que possuem fundamentação em autores da teoria social marxista (55 de 615). O artigo recupera, em termos históricos, as aproximações do Serviço Social com o marxismo, tematizando particularidades do curso de Serviço Social da PUCRS nesse processo. Sistematiza parte dos dados documentais, com ênfase para o debate das referências mais frequentes no universo de trabalhos que compuseram a amostra de análise. Por fim, nas considerações finais, são apontados os achados da investigação e desafios para novos estudos históricos.

### Aproximações do Serviço Social com o marxismo: particularidades da formação profissional na PUCRS

A interlocução de assistentes sociais com a tradição marxista necessita ser apreendida no movimento da história. Como aponta Iamamoto (2018), a primeira aproximação do Serviço Social latino-americano com o marxismo se dá nas décadas de 1960-1970, a partir do Movimento

de Reconceituação na América Latina (MRLA). Esse contexto histórico é marcado pela expansão da hegemonia norte-americana no contexto da Guerra Fria, pelos desdobramentos da crise estrutural do capitalismo e, também, pelo ciclo ditatorial no continente latino-americano. Tais décadas foram permeadas por importantes movimentos de resistência – seja no âmbito da juventude, nos diferentes segmentos da classe trabalhadora, nos setores progressistas da Igreja Católica –, como também pela constituição de diferentes organizações de esquerda alimentadas seja pelo ideário da Revolução Cubana, pela influência dos partidos comunistas da União Soviética e da República Popular da China.

Nesse sentido, o MRLA, promovendo uma ampla articulação profissional no período de 1965 a 1975, representou a insurgência de assistentes sociais contra o Serviço Social tradicional em suas influências norte-americanas, em um amplo processo de questionamento da profissão face às particularidades do continente latino-americano (IAMAMOTO; SANTOS, 2021). Foi um marco na aproximação da profissão com as lutas e movimentos sociais vinculados a defesa dos direitos e projetos societários das classes subalternas (IAMAMOTO, 2018), deixando importantes legados no florescimento de perspectivas profissionais críticas nos diferentes países.

Em termos da interlocução com o marxismo, essa primeira aproximação, nos marcos do MRLA, foi fortemente caracterizada, como salienta Iamamoto (2018, p. 214), "por uma perspectiva crítico-dialética que passava pelos condutos da prática política-partidária", transferindo debates da esfera da militância para a profissão, processo que tendeu "a erodir as bases propriamente profissionais de inscrição do Serviço Social na divisão social e técnica do trabalho". Ou seja, como também aponta a autora, essa primeira aproximação com o marxismo, pela via de organizações políticas e nas restrições repressivas impostas pelas ditaduras, condicionaram seja as fontes acessadas - tais como "manuais de

<sup>2</sup> Docente que integrou a primeira geração de assistentes sociais do RS, ex-diretora da Faculdade de Serviço Social, sendo a primeira mulher a exercer cargo diretivo na PUCRS.

divulgação do 'marxismo oficial', autores descobertos na militância política (Lênin, Trotsky, Mao, Guevara)"(IAMAMOTO, 2016, p. 214) – como também implicou em uma apropriação seletiva delas diante de necessidades práticas imediatas. Dessa forma, conclui a autora que, nessa primeira aproximação, estava ausente "a categoria trabalho, ontologicamente determinante na obra de Marx – e a teoria do valor e sua autovalorização pela exploração do trabalho, fruto da extração e mais-valia, ou seja, a Crítica da Economia Política" (IAMAMOTO, 2018, p. 214).

Considerando esse contexto, a partir de pesquisa histórica, buscou-se resgatar as particularidades do Serviço Social gaúcho, considerando os antecedentes<sup>3</sup> e os desdobramentos<sup>4</sup> do MRLA. Nessa direção, destaca-se o protagonismo do curso de Serviço Social da PUCRS na articulação do MRLA, através da realização do "I Seminário Latino-Americano" em Porto Alegre, da atuação de Seno Cornely na organização do mesmo, em intercâmbio com docentes uruguaios e argentinos que integraram a chamada Geração 65 e, também, a participação da docente Lucia Castillo como palestrante do evento. O Seminário ocorreu sob as restrições repressivas da ditadura civil-militar, em seu ciclo da Operação Limpeza que, na particularidade histórica do RS, incidiu nos grupos sociais vinculados ao trabalhismo e a movimentos progressistas originados da Igreja Católica e influenciados pelas abordagens educacionais de Paulo Freire, tal como a Ação Popular (AP).

Embora os debates iniciais do MRLA não tenham sido marcados por uma incidência expressiva do marxismo, é possível afirmar que o mesmo já estava presente nos debates de 1965, mas de forma incipiente e restrito pelo próprio contexto ditatorial, como aponta depoimento

de ex-estudante da PUCRS, que participou do I Seminário.

O período estava muito repressivo, algumas coisas podiam ser abertas outras não. Foram montadas várias comissões, nós estávamos no último ano do curso, eu e o Jorge [Krugl]. Eu fiquei mais ligado com o Seno [Cornely] nas comissões. Foi forte o debate, sobre as linhas, como se falava na época: "Ajustador ou não ajustador? Funcionalista ou não? Quer saber de uma coisa? Eu quero a revolução mesmo!". Pintou um pouco disso, não veio tanto a público. Não é que não tenha vindo a público, mas, ocorreu assim, a mais extrema esquerda ficou num debate meio que, teve medo de avançar e aí estourar o Seminário. Porque tinha vindo um compromisso lá da PUCRS de garantir que não ia se introduzir teorias marxistas, socialismo. Porque houve isso, o professor Seno, vamos dizer assim: "Boca pequena, não posso assumir isso, eu assumi isso com a reitoria da PUCRS" (Sujeito 5, informação verbal).<sup>5</sup>

A realização desse seminário não só representou um marco nas articulações para o MRLA, mas também foi decisivo para a constituição da primeira vertente de renovação do Serviço Social brasileiro, o reformismo reconceituador,<sup>6</sup> a partir das tendências progressistas gaúchas de desenvolvimento de comunidade do pré-1964, unificadas em torno do trabalhismo e da ideologia nacional-desenvolvimentista, articulando traços anti-imperialistas com o pensamento da esquerda cristã francesa (SCHEFFER; CLOSS; ZACARIAS, 2019). A partir de 1969, no ciclo repressivo ditatorial dos Anos de Chumbo, verifica-se o declínio dessa vertente em um contexto de crescente difusão dos documentos de Araxá (1967) e Teresópolis (1970), produzidos via seminários do Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais (CBCISS). Tal declínio situa-se no âmbito da tendência predominante da profissão no Brasil nesse período, considerando que a vigência do MRLA (1965-1975) coincide com a ditadura civil-militar, processo em que o debate

<sup>3</sup> Para o debate dos antecedentes do MRLA no curso de Serviço Social da PUCRS ver Scheffer, Closs e Zacarias (2018).

<sup>4</sup> Para o debate dos desdobramentos do MRLA no curso de Serviço Social da PUCRS com ênfase para a vertente do Reformismo Reconceituador ver Scheffer, Closs e Zacarias (2019) e Scheffer, Closs, Zacarias e Mizoguchi (2021).

<sup>5</sup> Depoimento de sujeito 5 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 29 de junho de 2021.

<sup>6</sup> Essa vertente era caracterizada pelos seguintes princípios: "a) defesa da unidade latino-americana numa perspectiva anti-imperialista e nacionalista; b) compreensão das políticas sociais com via de humanização das estruturas capitalistas; c) ênfase para a participação social como fundamento da democracia e da cidadania; d) ênfase na organização sindical e na luta corporativa por melhorias sociais (salários, reconhecimento estatal, serviços públicos, entre outros aspectos); e) defesa da formação profissional alinhada às particularidades da realidade latino-americana; f) defesa de um perfil profissional do assistente social com capacidade teórica, técnica e política para a gestão e o planejamento das políticas sociais, a fim de induzir a mudanças sociais" (SCHEFFER; CLOSS; ZACARIAS, 2019, p. 336-337).

profissional foi marcado pelo vetor modernizador e tecnocrático, articulado com elementos da filosofia aristotélico-tomista no âmbito dos valores e princípios éticos (IAMAMOTO, 2018, 2019). No bojo dessas tendências, registram-se mudanças na formação no curso de Serviço Social da PUCRS quando da revisão curricular nos marcos do Parecer n.242/70 do Conselho Federal de Educação.

Conforme depoimento obtido, as disciplinas de Serviço Social de Caso possuíam as seguintes tendências: "Tu tinhas o pessoal dentro de uma perspectiva mais sociológica e o pessoal de uma outra perspectiva mais psiquiátrica, se trabalhava as duas posições" (Sujeito 1, informação verbal),<sup>7</sup> dentre as quais os referenciais de Hamilton Gordon e Florence Hollis. No âmbito do Serviço Social de Grupo, tendo Notburga Reckziegel como uma das docentes, destaca-se seja a influência da canadense Simone Parré, cuja obra foi traduzida pela PUCRS, como também de Paulo Freire:

Ele era amicíssimo dela, eles se correspondiam, ele no exílio e ela. [...] Eu lembro que nós tínhamos um grupo que se se reunia na casa da "Burga", para estudar a Pedagogia do Oprimido – que o prefácio é do Ernani Fiori – que alguém trouxe no meio de roupa suja da Argentina (Sujeito 1, informação verbal).<sup>8</sup>

No que tange às disciplinas de Serviço Social de Comunidade, sob a condução de Seno Cornely, verifica-se a realização de debates voltados para a realidade latino-americana, considerando a ampla atuação do mesmo nos seminários<sup>9</sup> do MRLA. Registra-se também a realização de atividades que contavam com a presença de convidados de outros países e intercâmbio com setores progressistas da Igreja Católica.

Quando a gente viu DC com o Seno a gente foi para Ijuí, ver a experiência do Frei da UniJui, com a cooperativa que era um modelo de DC, porque não tinha nada considerado como algo

aqui de peso em Porto Alegre para fazer análise (Sujeito 1, informação verbal).<sup>10</sup>

Através do Seno sim, tinha o debate latino-americano. Quando o (IHerman) Kruse vinha à Porto Alegre, o Kruse vinha para aula e o (Natálio) Kisnerman (Sujeito 2, informação verbal).<sup>11</sup>

Considerando-se os dados obtidos na pesquisa, conclui-se que o marxismo, na vigência desse currículo, não possuiu expressão na formação profissional da PUCRS. Tendência diversa foi identificada no curso da Universidade Católica de Pelotas, considerando a reforma curricular também desse período, realizada em meados de 1971/1972. A mesma introduz mudanças nos estágios – através de uma maior articulação dos supervisores com as comunidades periféricas e da adoção de metodologias que questionavam a tricotomia caso/grupo/comunidade – e introduz a disciplina intitulada "Realidade latino-americana", como destaca depoimento: "Um ponto dessa reforma era que os alunos tinham que conhecer mais de história, mas não era colocar uma disciplina para qualquer um dar as aulas. [...] Quem foi dar era o coordenador da AP aqui em Pelotas" (Sujeito 5, informação verbal).<sup>12</sup>

Foi no quadro dessa reforma, impulsionada pela inserção de docente integrante da AP nas lutas contra a ditadura civil-militar, que se identificam as primeiras abordagens marxistas na formação em Serviço Social no RS, na vigência dos Anos de Chumbo.

O nosso desafio era ter acesso a bibliografia marxista. E nós, da AP, tínhamos aqui uma função, de fronteira, de passagem, e ao mesmo tempo conseguimos aquisição de bibliografia do Uruguai, ou da Argentina, ou do Chile. Eu nunca me esqueço: Obras Escolhidas de Marx e Engels. Foram as primeiras que chegaram nas nossas mãos. Em espanhol. Pedagogia do Oprimido. Em espanhol. Chileno. Claro, que tu vais dizer, "mas vocês podiam botar abertamente nas disciplinas?". Não, não podia ser muito aberto, mas a gente trabalhava o marxismo, a dialética, todas as contradições.

<sup>7</sup> Depoimento de Sujeito 1 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 2 de junho de 2021.

<sup>8</sup> Depoimento de Sujeito 1 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 2 de junho de 2021.

<sup>9</sup> Para uma análise da participação dos docentes da escola de Serviço Social na PUCRS nos seminários do MRLA ver Scheffer, Closs e Zacarias (2018b).

<sup>10</sup> Depoimento de Sujeito 1 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 2 de junho de 2021.

<sup>11</sup> Depoimento de Sujeito 2 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 9 de junho de 2021.

<sup>12</sup> Depoimento de Sujeito 5 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 29 de junho de 2021

O Althusser, os aparelhos do Estado (Sujeito 5, informação verbal).<sup>13</sup>

Começamos a ler escondido, a fazer leituras de Marx. Fazíamos debates interessantes na sala de aula, mas tudo muito controlado. Aparecia seguidamente um novo aluno, que ninguém conhecia. Começamos a aprender que essas pessoas compareciam nas aulas para ouvir, para saber de alguma coisa. [...] Então eu sempre digo que quem me politizou foi a ditadura militar, ou nos conscientizávamos do que estava acontecendo, assumindo outra posição, ou tapávamos os olhos e não enxergávamos (Sujeito 4, informação verbal).<sup>14</sup>

Tal experiência formativa embrionária foi interrompida em meados de 1972, em razão da prisão de lideranças da AP em Pelotas. Nessa mesma quadra histórica, destaca-se o pioneiro projeto formativo desenvolvido no curso de Serviço Social da Universidade Católica de Belo Horizonte, por jovem grupo de docentes sob a direção de Leila Lima Santos e Consuelo Quiroga, polo de resistência diante das tendências modernizadoras predominantes no país, na perspectiva de romper com o tradicionalismo profissional em termos teórico-metodológicos e práticos (BATISTONI, 2017). A curta duração dessa experiência, tendo em vista a repressão militar agudizada pelo Ato Inconstitucional n.5 (AI 5), não esmorece sua importância histórica, a qual é caracterizada por Netto (2004) como a emergência da vertente de ruptura da renovação do Serviço Social brasileiro. Embora conhecida nacional e internacionalmente pela formulação do chamado "Método BH", tratou-se de um projeto formativo abrangente, articulando a reestruturação do currículo, com a reorganização dos estágios e a realização de projetos de extensão, em diálogo com docentes de outras áreas de conhecimento (BATISTONI, 2017). Esse projeto foi desenvolvido se valendo de subsídios dos debates oriundos do MRLA, do pensamento de Paulo Freire e da esquerda católica, da sociologia crítica brasileira e latino-americana, bem como do marxismo de Althusser, via manuais de iniciação ao marxismo-leninismo (BATISTONI, 2021).

Apesar das restrições de intercâmbio impostas

pela ditadura, registra-se que a experiência de BH foi conhecida no sul do país, por discentes vinculados ao movimento estudantil da PUCRS e da UFSC, conforme depoimento a seguir.

Teve uma reunião em Florianópolis, o pessoal de BH estava, eles foram expor o método que eles estavam experimentando e que depois se tornou o famoso Método de BH. Os estudantes de Florianópolis queriam participar, foi negado tanto pela direção da faculdade como pela ABESS. Porque não era uma atividade "adequada" para estudantes, eles seriam "contaminados" na sua formação, isso que passava nas entrelinhas. [...] Eles resolveram organizar um seminário, convidaram o pessoal que vinha, que era a Ana Quiroga e a Marilda. [...] O grupo que foi para lá da PUCRS era o pessoal mais crítico, e o pessoal de lá de Florianópolis era vinculado ao diretório (Sujeito 1, informação verbal).<sup>15</sup>

Outro momento de intercâmbio referido nos depoimentos foi a realização do Seminário latino-americano em Porto Alegre em 1972, num dos piores anos da ditadura civil-militar, sendo que o então reitor da PUCRS responsabilizou-se pessoalmente pela segurança do Seminário diante das ameaças diretas das forças repressivas (CORNELLY, 2002).

Recordo do Seminário que estive, em 1972, tenho lembrança do professor Seno [Cornely]. Recordo das assistentes sociais chilenas dizendo que pegariam em armas, e nós apavoradas: "Armas, o que é isso?! Serviço Social armado, não pode ser!" (risos). [...] Tivemos muito estímulo, os encontros latino-americanos influenciaram nossas concepções (Sujeito 4, informação verbal).<sup>16</sup>

O evento foi presidido por Ernesto Costella, então presidente do Conselho Regional de Assistentes Sociais, e contou com Seno Cornely na comissão organizadora. Esse seminário foi avaliado pela sua "característica predominantemente tecnocrática, de búsqueda de perfeccionamiento metodológico, com olvido de los aspectos ideológicos" (CORNELLY, 1972, p. 83). Entende-se que neste evento explicitou-se o embate entre as distintas tendências presentes no MRLA, as

<sup>13</sup> Depoimento de Sujeito 1 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 2 de junho de 2021.

<sup>14</sup> Depoimento de Sujeito 4 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 1 de julho de 2021.

<sup>15</sup> Depoimento de Sujeito 1 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 02 de junho de 2021.

<sup>16</sup> Depoimento de Sujeito 4 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 1 de julho de 2021

quais assumem maior expressão na primeira metade dos anos 1970 em decorrência das particularidades sociopolíticas dos países e das experiências profissionais, bem como da inserção de novas gerações profissionais nos seminários. Esse processo impulsionou tanto a contraposição à tendência hegemonicamente modernizante e conservadora vigente no Brasil, bem como a crítica aos segmentos desenvolvimentistas e reformistas progressistas da primeira geração da articulação latino-americana. O esgotamento do MRLA ocorreu em um quadro de expansão do ciclo ditatorial no continente, embora se registre ainda a realização de um seminário, em 1976, na Universidade Católica de Lima (CORNELY, 1979).

A partir do amplo legado do MRLA para a profissão (IAMAMOTO; SANTOS, 2021), cabe destacar os seus desdobramentos no Serviço Social brasileiro, especialmente via o impulso do Centro Latinoamericano de Trabajo Social (CELATS) na transição dos anos 1970 a 1980, tendo em vista que o mesmo assentou "as bases de um Serviço Social maduro na sua profissionalidade e dotado de solidez intelectual, tal como se mostra vivo na atualidade" (IAMAMOTO; SANTOS, 2021, p. 47). Como analisam Iamamoto, Raichelis e Bravo (2021), o mesmo foi criado como um organismo acadêmico da Asociación Latinoamericana de Escuelas de Trabajo Social (ALAETS) e, no seu projeto fundador – entre 1974 a 1984, sob coordenação de Leila Lima Santos – impulsionou investigações que possibilitaram a crítica teórica e política dos dilemas e limites do MRLA, superando e ao mesmo tempo preservando as suas conquistas, inscrevendo a "análise do Serviço Social no âmbito das relações entre as classes – voltado para o conjunto dos segmentos trabalhadores e para as suas lutas – e destas com o Estado, mediatizadas majoritariamente pelas políticas sociais públicas" (IAMAMOTO; RAICHELIS; BRAVO; 2021, p. 220). Nesse contexto, Seno Cornely atuou na presidência da ALAETS entre 1977 e 1980, sendo as ações realizadas em sua gestão registradas em entrevista (CORNELY, 1979). Dentre estas, consta a realização, em Porto Alegre no ano de 1979, do seminário "Análisis de

la situación gremial del Trabajo Social em América Latina", no qual foram discutidos os resultados de pesquisa realizada pelo CELATS sobre esse tema.

Dentre as diversas pesquisas e publicações desenvolvidas pelo CELATS, bem como ações de capacitação continuada, destacam-se: a *Revista Acción Crítica*, iniciada em dezembro de 1976, cujo acervo é representativo do processo de crítica, preservação de conquistas e superação dos limites do MRLA; a investigação sobre Historia del Trabajo Social, a qual tem como um de seus produtos o livro *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil* (IAMAMOTO; CARVALHO, 2012), tendo em vista seu significado em termos da maturidade da vertente de ruptura (NETTO, 2004); e o "Primeiro Encontro Nacional de Capacitação Continuada" realizado em agosto de 1979 – cujo registro das principais discussões está disponível na edição de número seis da referida revista –, considerando a importância do mesmo na "preparação da virada" do III CBAS (ELPÍDIO, 2021).

Nessa direção, como enfatiza Iamamoto (2019, p. 441), é importante superar "uma visão mágica" do significado desse Congresso que vem sendo difundida no senso comum, pois o mesmo explica-se pela historicidade sociopolítica profissional que possibilita que ele seja um marco na recusa do conservadorismo, representando uma "primeira e tardia massiva manifestação da categoria dos assistentes sociais contra a ditadura militar-empresarial e o poder de classe que a sustentou" (IAMAMOTO, 2019, p. 441) e, portanto, o mesmo "revela a luta política e profissional pela hegemonia presente no Serviço Social brasileiro" (IAMAMOTO, 2019, p. 447). Tal luta, que evidencia diferentes posicionamentos presentes na profissão à época, foi identificada em depoimento obtido.

E tem uma parte que não é contada, os bastidores pré-virada. Tem que começar por uma coisa: pessoal de MG, SP, não sei como a gente entrou ali, a gente é o Sindicato do RS, a gente é convidado, foi no interior de Minas, perto de BH, para a partir daí começar uma articulação maior. E aí o grupo de SP ficou de organizar um evento dias antes do Congresso da Virada. O objetivo explícito era a articulação da categoria, questão de lutas sindicais, de profissão [...]. Teve um grupo hegemônico que conduziu a ação,

mas a dizer que foi uma construção de base, até por aí, não é? Quando destituíram a mesa dirigente do congresso para colocar o Lula, o discurso era, isso "foi definido na reunião dos sindicatos e associações". A colega de gestão vai para um orelhão e liga para saber que história era essa, se ela da diretoria do sindicato não tinha discutido isso no sindicato, cobrando uma posição de quem estava lá. Aí que a gente ficou sabendo dessa virada. Então há uma divisão. Tem Seno [Cornely] que sempre defendeu essa posição, tem Jorge [Krug] que põe interrogação e tem Maria Laura [Biccalque] era contra, três nomes que estavam no evento (Sujeito 1, informação verbal).<sup>17</sup>

A partir dos registros documentais do III CBAS, identificou-se a atuação de representantes<sup>18</sup> gaúchos no mesmo, oriundos do Sindicato, do CRAS e também como presidentes de mesas. Seno Cornely proferiu palestra na temática "Posicionamento do assistente social frente à política social", em conferência compartilhada com Luiza Erundina de Sousa, profissional vinculada à Associação Profissional de Assistentes Sociais de São Paulo, cuja liderança e protagonismo foi fundamental nesse evento.

Cornely (1980), no início de sua fala, refere que os debates latino-americanos embasam sua exposição, referindo as publicações da *Revista Acción Crítica*, na qual atuou em algumas edições como membro do comitê editorial, a partir da sua referida inserção na ALAETS. Sua conferência debateu o Estado na sociedade de classes, problematizou a funcionalidade da política social e tematizou a conjuntura e desigualdades sociais no Brasil. No que tange a abordagem da profissão, ressalta que "somos trabalhadores assalariados, estamos identificados com a classe trabalhadora, somos espoliados nos nossos salários", bem como critica o papel que os assistentes sociais desempenham quando "atenuam, domesticam, prestam 'serviço-zinhos', dão paliativos e evitam que as reivindicações marchem, que a população se organize, que exija uma participação efetiva no bolo" (CORNELY, 1980, p. 273). No encerramento,

ressaltou que é "no âmago das contradições entre capital e trabalho que se move a intervenção profissional do assistente social nas políticas sociais", sinalizando que "as possibilidades reais do Serviço Social dependem dele compreender as condições materiais que definem sua ação social concreta e a sua capacidade de manejo, em relação às aspirações profissionais" (CORNELY, 1980, p. 274).

As repercussões do III CBAS são notórias e amplamente discutidas, pois arregimentam novas bases organizativas, teóricas e éticas a partir da relação de segmentos profissionais com forças e organizações sociais progressistas na cena brasileira.<sup>19</sup> Dessa forma, o Congresso representou a ruptura com uma "visão do Serviço Social, prisioneira de seus rumos internos, apoiada na diáde 'homem-meio' e na relação 'assistente social-cliente', voltada ao ajustamento do indivíduo à sociedade", em que a prática profissional é "desvinculada da trama social que cria sua necessidade e condiciona seus efeitos na sociedade" (IAMAMOTO, 2019, p. 449). Implicou, portanto, em importantes desdobramentos na consolidação do projeto profissional nos anos 1980, como recupera Bravo (2009): a rearticulação do movimento estudantil em Serviço Social; a democratização e politização da ABESS, com aprovação de novo estatuto em 1981, articulando jovens docentes que atuaram nos embates pela aprovação da nova proposta curricular; a realização do IV CBAS, com ênfase no conteúdo sindical; a criação da Associação Nacional de Assistentes (ANAS) em 1983, posteriormente desarticulada no quadro da acertada opção política pela sindicalização por ramo de atividade; a mudança de direção política no Conjunto CFAS/CRAS, que repercutiu em amplos debates para a construção do Código de Ética de 1986. Juntamente com esses processos, verifica-se uma expansão da pós-graduação e constituição do primeiro doutorado na área em

<sup>17</sup> Depoimento de Sujeito 1 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 2 de junho de 2021.

<sup>18</sup> Tais como Jorge Krug, ex-presidente CRAS 10ª região (1975-1978), presidente da mesa sobre Habitação; Therezinha Machado Marchi, enquanto presidente do CRAS 10ª região (1978-1981) e da mesa sobre Trabalho, Maria Laura Bicca, do sindicato do RS.

<sup>19</sup> Dentre essas destacam-se (IAMAMOTO, 2019): a Igreja Católica, via Confederação Nacional dos Bispos do Brasil e Comunidades Eclesiais de Base; as Associações de Moradores de Favelas ou Associações Comunitárias; a Ordem dos Advogados do Brasil; Associação Brasileira de Imprensa; União Nacional dos Estudantes; o movimento sindical urbano e rural; o Partido dos Trabalhadores.



1982, impulsionando um conjunto de produções divulgadas em livros da editora Cortez e artigos na *Revista Serviço Social e Sociedade*, bem como nos *Cadernos ABESS*.

É à luz desses processos históricos, na crise da ditadura e redemocratização do Brasil, como analisa Iamamoto (2018), que se engendra a segunda aproximação do Serviço Social latino-americano à tradição marxista, cuja experiência brasileira é uma referência, sendo, no entanto, marcada por um descompasso: ao mesmo tempo em que a profissão "dispõe de condições materiais para dar um salto necessário tendo em vista responder ao avanço das lutas pelos direitos sociais e políticos, carecia de massa crítica para embasar uma auto renovação nesses rumos" (IAMAMOTO, 2018, p. 216), processo que impulsiona um reencontro com o legado do MRLA, mas sob novas bases, em um "esforço de articulação entre a história do país, a crítica do conhecimento e a profissão, que passa a presidir o debate brasileiro no âmbito da tradição marxista" (IAMAMOTO, 2018, p. 216-217). Trata-se, portanto, como destaca a autora, de uma relação de continuidade, ruptura e superação, pois "cultiva a crítica tanto ao conservadorismo profissional quanto à vulgarização marxista, no resgate do legado marxiano para inspirar a análise da sociedade e da profissão", mas também aprofunda as "premissas e propósitos do referido movimento em seu vínculo com as lutas e movimentos sociais", processo em que "as inéditas condições histórico-profissionais presentes na decadência da ditadura, criou as possibilidades à ultrapassagem da reconceitualização" (IAMAMOTO, 2018, p. 216-217).

É no âmbito dessa dinâmica histórica que se situa o processo de implementação do Currículo de 1982. Como recupera Teixeira (2019), os debates sobre a necessidade de mudanças na formação já vinham sendo realizados nas convenções anteriores da ABESS - de 1973 (Maranhão), de 1975 (Piracicaba), de 1977 (Belo Horizonte)

- evidenciando as disputas de concepção de profissão, sendo que o documento aprovado na convenção de Natal de 1979 foi o "possível na correlação de forças daquele momento histórico, fortemente influenciado pelos debates trazidos pela equipe de Belo Horizonte" (TEIXEIRA, 2019, p. 136). Ou seja, a construção desse currículo comportou avanços em termos da renovação crítica da profissão, uma vez que buscou resgatar conquistas do MRLA, dando visibilidade a uma das vertentes profissionais, qual seja: aquela "voltada para a efetivação de uma prática profissional que, respaldada teoricamente e atenta à dinâmica do movimento histórico, seja capaz de responder e superar a mera demanda oficial vigente no mercado de trabalho", uma vez que, reconhecendo "as forças sociais presentes no processo de reorganização da sociedade civil, se inscreva no horizonte social dos interesses das classes sociais subalternas" (YAZBEK *et al.*, 1984, p. 31-32).

Desse modo, a organização do Currículo de 1982 visou superar o ensino pautado nas metodologias tradicionais de Caso, Grupo e Comunidade, a partir de matérias organizadas em áreas básicas - Filosofia; Sociologia; Psicologia; Economia; Antropologia; Formação Social, Econômica e Política do Brasil; Direito e Legislação Social - e em áreas profissionais - Teoria do Serviço Social; Metodologia do Serviço Social; História do Serviço Social; Desenvolvimento de Comunidade; Política Social; Administração em Serviço Social; Pesquisa em Serviço Social; Ética Profissional em Serviço Social; Planejamento Social.

Dentre os limites desse currículo, conforme processos de avaliação realizados via debates da ABESS com as unidades de ensino e através de pesquisas<sup>20</sup> - destacam-se dois aspectos, que condensaram amplos debates<sup>21</sup> e subsidiaram a formulação das DCN da ABEPSS de 1996, quais sejam: o seu traço eclético, colocando em cena o debate sobre pluralismo e hegemonia

<sup>20</sup> Destacam-se as seguintes pesquisas avaliativas sobre o currículo de 1982 que subsidiaram os acúmulos analíticos para a construção das DCN ABEPSS: *A Formação Profissional do Assistente Social no Brasil: determinantes históricos e perspectivas (1983-1984)*, *Avaliação da Formação Profissional do Assistente Social Brasileiro - pós-novo currículo: avanços e desafios (1987-1991)*, *Ensino de Metodologia nos Cursos de Serviço Social (1987-1988)*. Uma análise dos resultados das mesmas pode ser encontrada em Teixeira (2019, p. 149-173).

<sup>21</sup> O debate desses dois aspectos encontra-se amplamente tematizados nos *Cadernos ABESS*, especialmente nos de nº 3, 4, 7 e 8.

e a necessidade do rigoroso trato teórico das matrizes do pensamento social; e a fragilidade de concepção dos fundamentos profissionais, dada a fragmentação das dimensões históricas e teórico-metodológicas do Serviço Social, via disciplinas de História, Teoria e Metodologia do Serviço Social, haja vista a própria indissociabilidade de tais dimensões na apreensão da profissão inscrita no movimento e na dinâmica histórica concreta. Tais aspectos permearam a implementação desse currículo na PUCRS, conforme depoimento obtido:

Lembro que chegou o currículo mínimo, o que me marca é que tinha que implementar. Porque começa a ter história, teoria e método, nesse meio tempo começa a entrar as correntes, positivismo, fenomenologia e marxismo, deixa de ser caso, grupo e comunidade. Começava com o caso, que era positivismo. Teoria I era serviço social de caso, a metodologia aulas práticas de caso. Grupo, fenomenologia, que era a segunda etapa, e a abordagem marxista era comunitária, trabalho comunitário [...]. E as pessoas num primeiro momento achando que estava resolvida a questão, porque estavam cumprindo uma determinação da ABESS. Houve oportunidade de trazer gente nova para dentro do curso, que estavam com a "facção" do marxismo. Depois com o reforço do mestrado, que paralelamente reforça a fenomenologia, há um "boom" de fenomenólogos. [...] A Ana Augusta Almeida vinha todos os semestres dar aula no curso de mestrado, ela faz uma formação para os professores, trazendo a experiência da PUCRJ, mostrando que tinha grupos específicos de fenomenólogos, de funcionalistas e de marxistas (Sujeito 1, informação verbal).<sup>22</sup>

Ou seja, a implementação do currículo de 1982 na PUCRS foi marcada por uma lógica de transposição de conteúdos anteriores para o âmbito das disciplinas de Teoria e de Metodologia do Serviço Social, relacionando-se com uma das tendências formativas identificadas por Netto (1984), à época: a alternativa eclético-restauradora, que tende a recuperar, como metodologia do Serviço Social, as três modalidades de intervenção profissional de Caso, Grupo e Comunidade, "confundindo metodologia com procedimentos particulares de intervenção e procurando viabilizar a totalização, num flagrante ecletismo, de induções

provenientes do sociologismo, do psicologismo e do desenvolvimentismo" (NETTO, 1984, p. 8). Na mesma direção, resultados da pesquisa da ABESS (1989), no tocante a região sul, apontam para os seguintes aspectos: o ensino tripartite (positivismo, fenomenologia e materialismo histórico e dialético); o frágil debate sobre o pluralismo e sobre a compreensão das correntes teóricas adotadas, resultando em ecletismo; os dualismos em termos das concepções de metodologia do conhecimento e da intervenção; a discussão teoria/prática via debate do instrumental, em detrimento da abordagem teórica; e, ainda, a

transposição de conteúdos de Serviço Social de Casos, Grupos e Comunidades, pelo das vertentes positivista, fenomenológica e marxista, sem, no entanto, reelaborar os conteúdos à luz de teorias sociais que iluminam as diferentes concepções de método/metodologia (ABESS, 1989, p. 66).

Dadas essas tendências, verifica-se ainda outra particularidade da implementação desse currículo na PUCRS: o mesmo se dá sob a forte hegemonia do pensamento fenomenológico no quadro docente da faculdade, com destaque para a interlocução com Ana Augusta Almeida (PUCRJ), uma das expoentes da vertente de renovação profissional, denominada por Netto (2004), de reatualização do conservadorismo. A mesma colaborou na implementação do curso de mestrado da PUCRS na sua fase inicial, ministrando disciplinas, atuando na formação de docentes e realizando orientações justamente no contexto de elaboração de sua tese, defendida em 1977. Como analisa Netto (2004), essa vertente apresentou-se como um "terceiro" caminho – repudiando seja a tradição positivista como o pensamento crítico-dialético – recuperando elementos da herança conservadora da profissão, dando um lugar destacado às dimensões da subjetividade, apoiando-se na retórica da humanização, da valorização profunda da personalidade, situando o exercício profissional no âmbito microsocial e no circuito da ajuda psicossocial.

Considerando-se esses processos, a partir dos

<sup>22</sup> Depoimento de Sujeito 1 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 2 de junho de 2021.

dados obtidos na pesquisa, destaca-se que o ensino do marxismo na formação profissional da PUCRS, na vigência desse currículo, manteve-se restrito a diminutos componentes curriculares, ministrados por pequena parcela do quadro docente, os quais, em sua maioria, em sua trajetória profissional, estiveram vinculados ou vivenciaram debates oriundos do MRLA. Dentre esses componentes curriculares, destacam-se aqueles vinculados às matérias de Desenvolvimento de Comunidade, Metodologia do Serviço Social e Política Social. Esse currículo, embora desenvolvido sob a hegemonia da fenomenologia, instaurou possibilidades de inserção do marxismo na formação, bem como de ingresso de novos docentes na equipe da Faculdade, ao passo que também proporcionou uma via de abertura para a retomada de produções vinculadas ao MRLA ou de difusão de debates impulsionados por setores da profissão vinculados à renovação crítica.

Quando eu venho para PUCRS eu já venho com certa formação, trabalhei na Fundação, Gramsci serviu de base para entender e intervir naquela realidade, para buscar os elementos para a revolta contra aquela realidade. [...] Quando eu cheguei na PUCRS a primeira frase que escutei foi que a minha concepção de Serviço Social não prevaleceria. Eu comecei na PUCRS em 1986. [...] O Jairo (Araújo) era o diretor, fez minha contratação, é muito interessante, porque ele próprio depois fez uma transição. Ele era muito firme sobre o debate acumulado, que representava uma cultura na instituição, ao ser reconhecida enquanto faculdade de formação de qualidade na linha da fenomenologia. [...] Mas ao mesmo tempo eu lembro muito da Lúcia Castillo, ela tinha um grupo de estudos para estudar o humanismo no marxismo. Nós tínhamos espaço para fazer essa discussão. Mas a gente não tinha muito espaço para que o currículo fosse implantado da forma que ele deveria ser. (Sujeito 4, informação verbal).<sup>23</sup>

No que se refere aos componentes curriculares com a adoção de tendências marxistas, destaca-se os conteúdos ministrados em Metodologia do Serviço Social, nos quais se identifica as contribuições de Vicente Faleiros, especialmente da obra *Metodologia e Ideologia do Trabalho Social*, fruto de experiências e reflexões desenvolvidas

em seu exílio no Chile, na Universidade Católica de Valparaíso. Infere-se que a utilização da mesma, no quadro do ecletismo que permeou esse currículo, possibilitou seja uma via de crítica ao funcionalismo, bem como a reflexão sobre alternativas de trabalho pautadas no marxismo em articulação com o pensamento educacional de Paulo Freire, dialogando com elementos da cultura político-pedagógica do quadro docente da PUCRS. Além disso, destacam-se os vínculos do autor dessa obra com a profissão no RS, seja via debates do MRLA, como também pela trajetória de Eva Faleiros na PUCRS em trabalhos de cultura popular no pré-1964 e, posteriormente, em curso de especialização em Supervisão de Serviço Social, coordenado por Lucia Castillo, conforme dados obtidos em fontes orais e documentais.

O [Vicente] Faleiros, ele teve um período muito interessante, uma participação muito importante no Serviço Social brasileiro, onde nos iluminou com muitas coisas. Porque, assim, eu fui trabalhar Metodologia do Serviço Social, o que é que eu vou trabalhar em metodologia? Vamos trazer um livro que faça a crítica, para começar a discutir. Nós temos que ter alguém que nos ajude a compreender. Então a gente usava bastante os livros do Faleiros, porque a gente tinha pouca produção. Ao mesmo tempo, tínhamos muitas produções importantes da área da Sociologia e da Economia, as quais usávamos nas disciplinas do curso de Serviço Social. O currículo tinha disciplina de Sociologia, de Economia, então isso fazia com que os professores se movimentassem (Sujeito 4, informação verbal).<sup>24</sup>

No âmbito dessa cultura político-pedagógica presente no quadro docente da PUCRS, identifica-se também processos de debate em torno de limites da apreensão de Paulo Freire na análise do Serviço Social, possibilitando espaços de discussão sobre pensamento gramsciano na profissão, inclusive no que se refere a noção de intelectual de orgânico, recorrente nos anos 1980.

Gramsci entra a partir do intelectual orgânico e Paulo Freire entra com o debate que nos persegue até hoje, que vamos fazer a "revolução". E éramos muito apaixonadas pelo Gramsci. Começamos a estudar e dizer: olha

<sup>23</sup> Depoimento de Sujeito 4 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 1 de julho de 2021

<sup>24</sup> Depoimento de Sujeito 4 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 1 de julho de 2021.

o intelectual orgânico é outra coisa, nós temos uma parcela bem importante, mas não a de intelectual orgânico. Começamos a discutir, ler, começamos a ler os Cadernos (Sujeito 4, informação verbal).<sup>25</sup>

Destaca-se ainda a importância dos debates via disciplinas de política social para o trato de conteúdos com base crítica. Os mesmos relacionam-se diretamente com a dinâmica sócio-histórica de redemocratização do país, especialmente no que se refere à luta por direitos sociais no bojo da construção da Constituição Federal de 1988, fundamentais para a politização do exercício profissional na relação com a construção da Seguridade Social via entidades, na problematização de temas como o assistencialismo no movimento de promulgação da Lei Orgânica de Assistência Social.

Há um movimento dos funcionários da LBA a nível nacional. E essa associação dos funcionários é que provoca o debate da proposta da lei orgânica dentro da LBA. E se espalha para o resto do estado. Então se começa a participar de ações de grupos de entidades que estavam voltadas para ações assistenciais, para discutir essas novas propostas. O texto dessas pessoas que vai iniciar a discussão da assistência e do assistencialismo, que a Cortez publicou. Começa a se buscar um outro entendimento do que possa ser assistência, a discussão dos direitos e da política (Sujeito 1, informação verbal).<sup>26</sup>

Nós tínhamos uma forte disputa dentro do curso com a fenomenologia. Então, vamos travando possibilidades dentro de algumas disciplinas. Eu trabalhei com Política Social depois, eu trabalhava com os livros de Política Social. Fui tendo uma formação fora da PUCRS. Nos encontros nacionais que eu ia, quando eu comecei com a história do CRAS e depois com o CFESS. [...] A Marizinha Becker ministrava uma disciplina eletiva para o quarto ano que se chamava Serviço Social e a sua vinculação com política. A discussão da política e do Serviço Social, os partidos políticos e o Serviço Social. E a Marizinha foi convidada para um cargo em Brasília. Eu era conhecida pelo curso de supervisão que eu tinha feito e pela supervisão que estava fazendo. E foi neste momento que a PUCRS fez o convite para dar aula nessa disciplina. [...] Foi um momento maravilhoso. Fizemos muitas discussões legais (Sujeito 4, informação verbal).<sup>27</sup>

Outra via de difusão de debates de orientação crítica situava-se nos componentes curriculares de Desenvolvimento de Comunidade, cujo docente de referência, desde os anos 1960, foi Seno Cornely. A partir de análise documental realizada nas dissertações sob sua orientação, defendidas na primeira década do mestrado da PUCRS, identifica-se a realização de estudos sobre o trabalho profissional em abordagens comunitárias e educativas com ênfase para os temas da práxis em Serviço Social de Comunidade, a partir do diálogo com o pensamento gramsciano e com o aporte de produções oriundas do MRLA e do CELATS (SCHERER *et al.*, 2019). Destaca-se ainda a atuação desse docente em temáticas vinculadas ao planejamento e a gestão, com ênfase para os processos participativos e formação de lideranças, as quais se fazem presentes em suas produções desde os anos 1960 e são conjugadas com o debate da redemocratização e implementação de políticas sociais nos anos 1980 e 1990. Seno também colaborou – via disciplinas no mestrado, em orientações e bancas examinadoras – na formação de novos docentes que ingressaram na Faculdade no pós DCN ABEPSS de 1996. Sua atuação e importância nessa Faculdade são destacadas em diversos depoimentos obtidos.

O Seno tinha muita clareza do papel que ele ocupava e do quanto ele não poderia comprar briga, para poder ter aliança. Um articulador político da maior qualidade. O Seno é uma pessoa que todos os grandes intelectuais do Serviço Social têm um grande respeito, enorme, ajudou muitas pessoas na ditadura militar, muitas, inclusive mantendo elas [...] O Seno dizia que a PUCRS era uma empresa capitalista. E ele ia introduzindo conhecimento, principalmente a discussão da América Latina, a qual ele tinha muita clareza. E ele era fascinante, ficávamos todos olhando para ele, querendo que ele falasse mais [...]. O Seno realmente manteve ali uma discussão que merece muito destaque. Ele esteve sozinho na disputa na PUCRS por muito tempo, só ele (Sujeito 4, informação verbal).<sup>28</sup>

Considerando os dados obtidos na pesquisa,

<sup>25</sup> Depoimento de Sujeito 4 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 1 de julho de 2021.

<sup>26</sup> Depoimento de Sujeito 1 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 2 de junho de 2021.

<sup>27</sup> Depoimento de Sujeito 4 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 1 de julho de 2021.

<sup>28</sup> Depoimento de Sujeito 4 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 1 de julho de 2021.

destaca-se que a formação na PUCRS, no currículo de 1982, segue a tendência identifica por Quiroga (1991): a de um "marxismo sem Marx", o que se expressa seja no âmbito das poucas disciplinas que trabalhavam conteúdos de cunho histórico-crítico, como também na quase totalidade dos trabalhos de conclusão defendidos entre 1982 e 1996, conforme análise documental no acervo histórico. Nesse contexto, também se destaca a busca autônoma de estudantes da PUCRS pelo estudo das obras marxianas:

Eu entrei na faculdade, muito nova com 16 anos, aí uma colega apresentou, ela era mais adiantada, apresentação de seminário. [...] "Quem é Karl Marx?". Aí fui perguntar para os professores, muitos nem sabiam ou nem queriam falar. Aí tinha o professor Seno Cornely, a Berenice Couto. O Seno, que era de Comunidade, eu me apaixonei por ele, era um barato! Mas realmente eu fiz uma formação paralela. A gente criou um grupo de alunos para estudar Marx, no estágio, na LBA. A gente ficou entre o Manifesto, os Manuscritos, depois fui encontrar a Ideologia Alemã. Quem era marxista fez uma jornada de maior autonomia. Os professores até meio que largavam a gente. [...] Marx a gente não estudava! Então eu fui estudar porque eu me apaixonei, foi por fora. A bibliografia estava muito em autores que até eram marxistas, mas não de Marx (Sujeito 3, informação verbal).<sup>29</sup>

As mudanças na formação profissional na PUCRS, na perspectiva de afirmar o marxismo como teoria social orientadora do currículo, foram graduais e tiveram como ponto decisivo as DCN ABEPSS de 1996. Outros aspectos que influenciaram essas mudanças foram os debates promovidos via Conjunto CFAS/CRAS no contexto da revisão do Código de 1986, bem como a implementação do novo Código de Ética de 1993, na aprovação da Lei de Regulamentação de 1993 e, ainda, os debates via movimento estudantil. Outro fator consiste nas alterações no âmbito do mestrado, que deslocam a influência da PUCRJ e estabelecem maior interlocução com a PUC-SP, destacando-se a colaboração de Maria Lucia Martinelli, incidindo na formação de novos quadros docentes que ingressaram na Faculdade quando da implementação das refe-

ridas diretrizes curriculares. Esses processos se evidenciam nos depoimentos a seguir.

Os alunos foram fundamentais nas revisões curriculares que fizemos, começaram a ter identificação com os professores que tinham o pensamento mais crítico. [...] E fomos mudando aos poucos. Até tivemos uma reunião importantíssima em que o Jairo Araújo se manifesta pela inclusão das Diretrizes Curriculares de 1996: "As diretrizes curriculares são estas e são elas que direcionam a formação do Serviço Social, vamos ter que nos adaptar". Foi uma vitória enorme (Sujeito 4, informação verbal).<sup>30</sup>

Os movimentos sociais estavam em alta, eu já tinha militância de PT. Eu acho que a gente trabalhou muito o código de ética e o projeto ético-político por esses movimentos. A Martinelli, a gente teve uma influência bacana, do Seno também, aí sim com o marxismo, porque antes a gente estudava mais comunidade na graduação, no mestrado a gente viu vários livros de Marx. [...] Eu tive a felicidade de ir para o mestrado e depois ser professora em seguida. Tive a primeira turma, era só marxismo que eu ministrava, os alunos começaram a se apaixonar. Depois eu peguei a cadeira de Comunidade que era do Seno, quando ele saiu (Sujeito 3, informação verbal).

Nas Convenções Nacionais da então ABEPSS conheci o professor Jairo Melo Araújo, de quem recebi o convite para oferecer um Curso para os alunos de pós-graduação. [...] Desde então venho acompanhando a trajetória do Programa de Pós-Graduação e os esforços empreendidos para formar profissionais e pesquisadores competentes e voltados à intervenção social (MARTINELLI, 2002, p. 10).

As tendências de ensino identificadas a partir dos depoimentos, até então discutidas, se expressam nos trabalhos de conclusão de curso defendidos na PUCRS entre 1982 e 1996. A partir de análise documental do acervo histórico, se registra uma pequena incidência de autores com orientação histórico-crítica no conjunto dos mesmos – presente somente em 63 de 651 trabalhos – o que revela a diminuta influência do marxismo na formação desse período. Além disso, foram identificados somente 8 trabalhos que citam diretamente as obras de Marx e Engels, cabendo destaque aos mesmos, considerando o pioneirismo dessas estudantes, quais sejam: Rocha (1984), Silva (1987), Fernandes (1990), Kappel (1991), Fraga (1991), Fagundes (1992), Rocha (1994), Schnorr (1994). Ainda a partir da análise do con-

<sup>29</sup> Depoimento de Sujeito 3 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 25 de junho de 2021.

<sup>30</sup> Depoimento de Sujeito 4 concedido à pesquisadora Thaisa Closs em entrevista realizada virtualmente no dia 1 de julho de 2021.

junto dos documentos, é possível salientar que os mesmos se originam, predominantemente, de experiências de estágio em empresas (13 de 63), na LBA (10 de 63), em serviços de saúde (7 de 63), no atendimento a infância (6 de 63) e em creches (4 de 63), sendo que os mesmos, em sua maioria, tiveram como orientadoras e/ou supervisoras de estágio as docentes Berenice Rojas Couto, Maria Lucia Scavoni e Maria Beatriz Marazita da Silva.

No que se referem às fontes utilizadas nestes trabalhos, foram identificadas 1.389 referências citadas, as quais correspondem a 691 obras. As mesmas, considerando seus núcleos temáticos, foram agrupadas em sete categorias, conforme quadro 1. No mesmo, são destacadas as obras mais citadas em cada uma dessas categorias, dando visibilidade às principais referenciais teóricas dos trabalhos.

#### QUADRO 1 – Autores e obras predominantes nos trabalhos com orientação crítica

Temática	Nº de obras	Autores (as) e obra(s) mais recorrente(s) (1982-1996)
Serviço Social	187	FALEIROS, Vicente. <i>Metodologia e Ideologia do Trabalho Social</i> .
Política Social	66	SPOSATI, Aldaiza; BONETTI, Dilsea Adeodata; YAZBEK, Maria Carmelita; FALCÃO, Maria do Carmo Carvalho. <i>Assistência na Trajetória das Políticas Sociais Brasileiras: uma questão em análise</i> .
Educação e Filosofia	32	FREIRE, Paulo. <i>Pedagogia do Oprimido</i> . FREIRE, Paulo. <i>O papel do assistente social no processo de mudança</i> .
Temas em Marxismo	27	NETTO, José P.; CARVALHO, Maria C. B. <i>Cotidiano: conhecimento e crítica</i> .
Marxismo Brasileiro	17	KONDER, Leandro. <i>O que é dialética</i> .
Marxismo Europeu	14	ALTHUSSER, Louis. <i>Aparelhos Ideológicos de Estado</i> .
Marx e Engels	08	MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. <i>Manifesto do Partido Comunista</i> . MARX, Karl. <i>O Capital (Livro I): Crítica da Economia Política</i> .

Fonte: Pesquisa documental no acervo histórico da PUCRS (SILVA, 2021).

Considerando a ampla difusão dessas obras na profissão e os limites expositivos de um artigo, cabe ressaltar quatro aspectos que expressam tendências do ensino do marxismo na formação profissional da PUCRS na vigência do currículo de 1982.

Primeiramente, destaca-se a significativa incidência das formulações de Vicente Faleiros, evidenciada tanto nas fontes orais como documentais, a qual indica um processo de interlocução com o legado do MRLA que recupera análises sobre a profissão construídas nos anos 1970 a partir da experiência chilena da escola de Valparaíso, na qual se fez presente a influência tanto de Paulo Freire como de Louis Althusser, os quais consistem nos autores mais referidas nos trabalhos de conclusão nas categorias Educação e Filosofia e Marxismo Europeu. As obras dessas três categorias (conforme Quadro 1), evidenciam

um núcleo temático característico da primeira aproximação do Serviço Social com o marxismo, como já referido (IAMAMOTO, 2018): a crítica aos traços conservadores da profissão, a ênfase para o debate da metodologia, a problematização da ideologia face às dimensões políticas da profissão, a ação profissional voltada para a libertação dos oprimidos, tendo como eixo abordagens educativas centradas na conscientização e na valorização da cultura popular, uma leitura do marxismo marcada por traços positivistas e estruturalistas. Nessa perspectiva, tal núcleo temático indica a persistência, no âmbito da formação nesse período, de uma tendência da própria Reconceitualização, como já apontado no estudo de Quiroga (1991): uma ruptura política não suficientemente acompanhada por uma ruptura teórica com a herança conservadora. Embora tal ruptura tenha sido um marco nas bases da construção

de perspectivas críticas na profissão, a mesma possui limites: se a influência educativa freireana contribuiu em inflexões na dimensão ideopolítica e prática da profissão – especialmente no que se refere ao processo de conscientização, na inserção em movimentos pela construção da libertação e transformação da realidade de dominação, tendo como centralidade o diálogo e a cultura popular – a mesma assenta-se em uma noção política de opressão que não a inscreve em uma análise da luta de classes. À tal noção, somou-se uma compreensão equivocada do marxismo que engendrou um “fetiche dos metodologismos” tendo em vista a redução do método a pautas e procedimentos de intervenção, implicando também em análises duais sobre o significado sócio-histórico da profissão que não apreendem seu caráter contraditório na trama das relações sociais, bem como sua natureza de trabalho assalariado, carregada de determinações distintas da militância política (IAMAMOTO, 2005).

O segundo aspecto refere-se à ênfase para o debate do cotidiano e para a dialética, predominante dentre as obras que tratam diferentes Temáticas a partir da tradição marxista e dentre autores do Marxismo Brasileiro. Ambas as obras (conforme Quadro 1), podem ser caracterizadas pelo seu conteúdo introdutório, quando considerada a vigorosa e densa produção de José Paulo Netto e Leandro Konder, cujas contribuições para a profissão e para o debate marxista brasileiro são notórias, considerando ainda a importante interlocução de ambos com o pensamento de György Lukács. Tais obras evidenciam um segundo núcleo temático, no âmbito da formação da PUCRS, de apreensão do marxismo pela via de categorias da lógica dialética, articuladas no âmbito do conhecimento do real e da prática profissional dirigida ao cotidiano, numa perspectiva crítica. Destacam-se, tanto no texto de Netto (2012) como de Konder (1985) – embora com diferentes angulações dado o escopo de cada uma das obras – a abordagem das categorias totali-

dade, mediação e história, sem uma maior ênfase para a centralidade do trabalho na perspectiva da crítica marxiana da economia política. No que tange ao debate do cotidiano, o ensaio de Netto (2012), a partir Lukács, enfatiza as determinações essenciais da cotidianidade – heterogeneidade, imediaticidade, superficialidade extensiva – e as formas de objetivação que a superam – o trabalho criador, a arte e a ciência, sem estabelecer articulações na análise da profissão. Já o ensaio de Carvalho (2012), anunciando a leitura dessa categoria a partir de Henri Lefebvre e Agnes Heller, desenvolve análise controversa<sup>31</sup> sobre a vida cotidiana em termos mundiais e sobre a prática profissional de assistentes sociais. Desse modo, entende-se que esse núcleo temático se relaciona com uma tendência também identificada por Quiroga (1991) no ensino do currículo de 1982, qual seja: a do cientificismo, na qual há uma abordagem de categorias isoladas na perspectiva do método, com ênfase na dimensão do pensamento e na “postura” investigativa, ou seja na ótica de “um Marx que é metodológico na própria acepção positivista, ou seja, que se reduz ao método” (QUIROGA, 1991, p. 91).

Considerando os dois núcleos temáticos de forma articulada, também é relevante pontuar que os mesmos evidenciam a tendência do voluntarismo, na qual a história é reduzida à consciência dos homens e das mulheres (QUIROGA, 1991): a ênfase para o cotidiano, para o pensar como uma dimensão apenas subjetiva na qual emerge o “compromisso” como fruto de uma decisão individual, destituído de suas múltiplas determinações concretas; o resgate de uma certa visão humanista predominante historicamente na profissão que encontrou, nas formulações de Paulo Freire, no quadro da formação nos 1980, uma via de reatualização, ao enfatizar o papel histórico dos sujeitos enquanto indivíduos sociais mas sem sua apreensão em seus vínculos com as classes sociais.

O terceiro aspecto refere-se ao debate da

<sup>31</sup> Transcende aos limites desse trabalho uma crítica ao texto de Carvalho (2012), no entanto aponta-se que as bases teóricas acionadas para o debate da categoria cotidiano – Henri Lefebvre e Agnes Heller, desenvolvidas no primeiro item do seu ensaio, não apresentam articulação com as questões relevantes em termos da vida cotidiana “mundial”, bem como nas suas indicações referente a prática profissional, especialmente no debate realizado em torno da revolução passiva do pós-guerra, do Estado-Providência, por exemplo.

Política Social, cuja obra mais citada (conforme Quadro 1) é fruto de pesquisa realizada no programa de pós-graduação da PUC-SP. Os pressupostos de análise da mesma incorporam produções vinculadas ao CELATS, conjugadas seja no debate do Estado, como da política social e da profissão, tais como dos autores Lucio Kowarick, Marilda Iamamoto, Raul de Carvalho e Leila Lima Santos. A obra em tela anuncia três grandes cortes de análise:

o assistencial como mecanismo presente nas políticas sociais; o assistencial como área de investimento do Estado brasileiro e produtor de bens e serviços à força de trabalho; o assistencial como mediação fundamental da prática do assistente social (SPOSATI *et al.*, 2010, p. 10).

Destaca-se o caráter histórico-crítico do trato desses três aspectos, discutidos sobre a perspectiva da contradição e da dinâmica histórica da realidade brasileira, no horizonte político de afirmação de direitos, com vistas a superação de mistificações no trato da cidadania, pois é "o confronto de forças que possibilita que a luta das classes subalternizadas pela conquista de seus direitos sociais se constitua uma estratégia de ruptura no 'jogo de conciliação' proposto pelas elites burguesas, sobretudo na nova república" (SPOSATI *et al.*, 2010, p. 7). O assistencial é apreendido simultaneamente como "exclusão e inclusão aos bens e serviços prestados direta ou indiretamente pelo Estado" (2010, p. 30) e nessa, direção, contém "a possibilidade de negação dele próprio e de sua constituição como espaço de expansão da cidadania às classes subalternizadas" (2010, p. 35), enfatizando que as práticas de assistência social pública podem também se constituir em "espaços de conquista de direitos sociais e de reconhecimento da cidadania das classes subalternizadas" (SPOSATI *et al.*, 2010, p. 77).

No tocante à profissão, desenvolve-se uma leitura dos vínculos entre Serviço Social e assistência, apontando que

reorientar a prática assistencial na direção da luta pela constituição da cidadania implica ir além do aparente, de modo a fazer emergir a relação particular-universal, a vinculação entre

o destino singular vivido e os determinantes gerais da classe a que pertence (SPOSATI *et al.*, 2010, p. 76).

Destaca-se que essa obra evidencia um terceiro núcleo temático distinto, qual seja: expressa o movimento em direção da superação dos limites da primeira aproximação do marxismo, uma vez que conjuga a crítica do Estado, da política social e do próprio assistencial para além de dualismos, enraizando tal crítica no solo sócio-histórico do Brasil da transição democrática, articulando produção do conhecimento e perspectivas para a profissão a partir da renovação crítica.

O quarto aspecto consiste no diminuto trato das obras de Marx e Engels no conjunto dos trabalhos de conclusão de curso entre 1982 e 1986. A ênfase para o Manifesto Comunista se assemelha à tendência também identificada na pesquisa de Quiroga (1991), indicando uma apropriação "politicista" do marxismo, tendo em vista os limites dessa obra, considerando os objetivos que impulsionaram a produção da mesma, no estudo e apropriação mais ampla da teoria social marxiana. Já a incidência d'*O Capital* nos documentos – que, tal como a outra obra, é referida somente em dois do conjunto dos documentos – pode ser considerada significativa quando situada no contexto do ensino da PUCRS nesse período, no entanto, indica a expressão de um esforço singular sem maior respaldo no conjunto do processo formativo.

### Considerações finais

O artigo objetivou dar visibilidade para a historicidade da formação acadêmica na PUCRS a partir da ênfase para a memória em sua dimensão política, pois o que se busca no passado é algo que se interpõe no presente como questão a ser desvendada, explicitada e recuperada, uma vez que não há "não há luta pelo futuro sem memória do passado" (LÖWY, 2005, p. 109). Nessa perspectiva, recuperar os caminhos da interlocução da profissão com o marxismo é uma tarefa que se (re)põe em um presente no qual se entrelaçam as marcas crescentes do autoritarismo e do conservadorismo, de relações mercantis



generalizadas em seus impactos regressivos na erosão de direitos sociais e na ampliação das desigualdades. Processos que impactam, portanto, no ensino superior e na produção de conhecimento, especialmente no tocante às possibilidades de efetivação das DCN da ABEPSS, um projeto formativo histórico-crítico, em movimento, coletivo, que prima por uma interlocução com o marxismo o concebendo como "um processo, em permanente construção, conservação e superação, de formulação de novas sínteses, a partir das contradições e do movimento da própria história" (SIMIONATTO, 2018, p. 86).

A pesquisa realizada buscou articular o acúmulo de estudos anteriores e a literatura da área de Fundamentos do Serviço Social com os dados obtidos via fontes orais e documentais, na perspectiva desafiante de apreender particularidades e diversidades regionais da profissão. O curso de Serviço Social da PUCRS, em sua trajetória de quase oito décadas, se entrelaça com importantes transformações da profissão, tais como o processo de erosão do Serviço Social tradicional via práticas progressistas de Desenvolvimento de Comunidade, a articulação do MRLA e as vertentes de renovação no Brasil. Considerando os processos históricos discutidos ao longo do artigo, destaca-se que, nos marcos da primeira aproximação do Serviço Social com marxismo, houve uma articulação significativa da PUCRS no âmbito do MRLA, no entanto a mesma não repercutiu na introdução de conteúdos de orientação histórico-crítica na formação profissional de forma mais ampla. Estabeleceu-se a interlocução com os debates voltados para a realidade latino-americana e para a crítica do Serviço Social tradicional e do conservadorismo, no entanto nos marcos das bases teóricas do Reformismo Reconceituador. No quadro da dinâmica ditatorial do período e da crescente difusão dos debates do CBCISS, via documentos dos Seminários de Araxá e Teresópolis, a tendência modernizante passou a predominar na formação. No contexto após o MRLA, identifica-se um deslocamento da direção teórico-política modernizadora da formação profissional, afirmando a fenomenologia

como base orientadora predominante do ensino. Um dos fatores que incidiram nessa mudança de direção é a interlocução do quadro docente da PUCRS com Ana Augusta Almeida, via constituição do curso de mestrado, o que repercutiu no ensino de graduação. A incidência da fenomenologia na cultura político-pedagógica e nas bases teórico-metodológicas do curso da PUCRS, bem como as suas repercussões em tendências profissionais e no trabalho de assistentes sociais no RS nos anos 1980 consiste em um campo de pesquisa em aberto.

Considerando os dados obtidos, verifica-se que foi somente nos marcos da implementação do currículo de 1982 que se dá a incidência do marxismo na formação profissional da PUCRS. Esta ocorreu via diminutos componentes curriculares ministrados por poucos docentes, concentrando-se no trato de conteúdos das matérias de Metodologia do Serviço Social, Política Social, Desenvolvimento de Comunidade, bem como via estágios e elaboração de trabalhos de conclusão de curso, embora de forma restrita, considerando o conjunto dos documentos analisados. Em termos das tendências de ensino do marxismo na vigência desse currículo, identifica-se: a ausência do trato direto das obras de Marx e Engels; a recuperação de debates e autores que condensam um núcleo temático característico da primeira aproximação com o marxismo, nos marcos do MRLA; a ênfase para o estudo de categorias da lógica dialética, a partir de uma perspectiva metodológica; a interlocução com debates representativos do movimento de superação dos limites do MRLA, contudo, via a temática da política social. Ou seja, tal interlocução não se estabeleceu no trato da profissão, haja vista a significativa ausência da abordagem da obra *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil* no conjunto dos documentos analisados, considerando-se a publicação da mesma em 1982 e sua importância termos da madura e densa fundamentação em fontes marxianas e marxistas.

Se, como já discutido, o Serviço Social brasileiro, na transição democrática, vivenciou um descompasso, identifica-se, a partir da pesquisa

realizada, um duplo descompasso no âmbito da formação da PUCRS no currículo de 1982: estabeleceu-se a recuperação do legado do MRLA em seu núcleo de ruptura política com o conservadorismo, sem um diálogo mais amplo com a crítica aos seus limites na interlocução com o marxismo, em um contexto de crescente difusão dos acúmulos da vertente de renovação crítica que sustentaram as bases teórico-metodológicas e políticas da construção do atual projeto ético-político e; simultaneamente, em um anacronismo com a dinâmica histórica da sociedade brasileira em suas lutas por democracia e direitos, privilegia a fenomenologia, (re)situando a profissão na esfera microssocial, "despolitizando" o exercício profissional. Os dados obtidos também evidenciam que a implementação das DCN da ABEPSS proporcionou novas bases do ensino do marxismo na formação do Serviço Social na PUCRS, pois impulsionou a renovação do quadro docente e o adensamento dos debates críticos que vinham sendo realizados em reduzidos componentes curriculares. Nesse contexto, desencadearam-se também alterações na pós-graduação, via interlocução com a PUC-SP e criação do doutorado, bem como se consolidou uma maior articulação do quadro docente com as entidades profissionais.

Por fim, ressalta-se que a importância de esforços coletivos para a ampliação de pesquisas com ênfase histórica, pois as mesmas são essenciais no adensamento da produção de conhecimento em Fundamentos do Serviço Social, seja no que tange à superação de leituras lineares e endógenas sobre a trajetória da profissão que ainda se fazem presentes no ensino, como no que se refere à dimensão política da valorização da memória profissional em seus vínculos com as lutas e transformações da sociedade brasileira, na perspectiva de defesa e preservação das conquistas construídas no processo de renovação crítica. Como ressaltam Iamamoto e Santos (2021, p. 27-28), se trata de "rever o passado para iluminar o presente", pois este "é um movimento heurístico fundamental para compreender tanto o passado recente quanto o ineditismo das atuais

condições históricas e para recriar a práxis de enfrentamento a esses tempos de regressão conservadora".

## Referências

ABESS; CEDEPSS. *Proposta básica para o projeto de formação profissional*. Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, n. 50, p. 143-171, 1996.

ABEPSS. *Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social*. [S. l.]: ABEPSS, 1996. Disponível em: [http://www.abepss.org.br/files/Lei\\_de\\_Diretrizes\\_Curriculares\\_1996.pdf](http://www.abepss.org.br/files/Lei_de_Diretrizes_Curriculares_1996.pdf). Acesso em: 20 ago. 2021.

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, 1970.

BATISTONI, M. R. O Movimento de Reconceituação no Brasil: o Projeto Profissional da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais (1964-1980). *Revista Em Pauta*, Rio de Janeiro, 2. Sem. 2017, n. 40, v. 15, p. 136-150, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/32745>. Acesso em: 10 maio 2019.

BATISTONI, M. R. Aproximações à tradição marxista no projeto da Escola de Serviço Social de Belo Horizonte: problematizações necessárias. In: IAMAMOTO, M. V.; SANTOS, C. M. (org.). *A história pelo avesso: a Reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais*. São Paulo: Cortez, 2021. p. 71-94.

LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

BRAVO, M. I. S. O significado político e profissional do Congresso da Virada para o serviço social brasileiro. *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 100, p. 679-708, out./dez. 2009.

CFESS (org.) / CRESS - São Paulo/ 9a. Região/ ABEPSS/ ENESSO (co-org.). *30 Anos do Congresso da Virada*. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-CongressodaVirada-Site.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2020.

CLOSS, T. T. *Fundamentos do Serviço Social: um estudo a partir da produção da área*. Curitiba: CRV, 2017.

CORNELY, S. A. Entrevista a Seno Cornely: presente e futuro de ALAETS. *Revista Acción Crítica*, Lima, n. 5, p. 25-31, 1979.

CORNELY, S. Conferência "Posicionamento do assistente social frente à política social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 3., 1980, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Conselho Federal de Assistentes Sociais, 1980. p. 269-287.

- CORNELY, S. Crônicas de uma História Recente: alguns avanços que deram maior visibilidade ao serviço social gaúcho, especialmente à Faculdade de Serviço Social. *Revista Textos e Contextos*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 15-26, jan./dez. 2002. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/923>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- CORNELY, S. Crônica del Vº Seminario Latinoamericana de Servicio Social. *Revista Hoy del Trabajo Social*, Buenos Aires, n. 25, p. 73-80, dez. 1972.
- COUTINHO, C. N. *O estruturalismo e a miséria da razão*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- ELPÍDIO, M. H. Preparando a "Virada": a contribuição do CELATS no redimensionamento da organização e formação profissional do Serviço Social brasileiro. In: IAMAMOTO, M. V.; SANTOS, C. M. (org.). *A história pelo avesso: a Reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais*. São Paulo: Cortez, 2021. p. 271-295.
- FAGUNDES, M. H. *O Serviço Social e as Políticas de Saúde: o enfrentamento das questões sociais dos pacientes tuberculosos numa Unidade Sanitária*. 1992. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.
- FALEIROS, V. P. *Metodologia e Ideologia do Trabalho Social*. São Paulo: Cortez, 1997.
- FERNANDES, I. *Qualidade Profissional: uma busca no "fazer" cotidiano*. 1990. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.
- FIORI, E. M. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 10-22.
- FRAGA, A. *O Serviço Social Frente às Novas Perspectivas da Relação Entre Homem e Trabalho – Um estudo exploratório*. 1991. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. O papel do assistente social no processo de mudança. *Revista Hoy Del Trabajo Social*, Argentina, 1969.
- IAMAMOTO, M. V. *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez, 2005.
- IAMAMOTO, M. V. A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 120, p. 609-639, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/t7jmcDggvPQG3bhmz3WTPCs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 fev. 2018.
- IAMAMOTO, M. V. Marxismo e Serviço Social: uma aproximação. *Libertas*, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18603>. Acesso em: 27 nov. 2019.
- IAMAMOTO, M. V. Renovação do Serviço Social no Brasil e desafios contemporâneos. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 136, p. 439-461, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/RJ3mPJQ8Qk8WJRbLRph8Kz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2020.
- IAMAMOTO, M. V.; SANTOS, C. M. Introdução. In: IAMAMOTO, M. V.; SANTOS, C. M. (org.). *A história pelo avesso: a Reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais*. São Paulo: Cortez, 2021. p. 25-69.
- IAMAMOTO, M. V.; RAICHELIS, R.; BRAVO, M. I. A pesquisa científica no Serviço Social latino-americano: gênese e atualidade. In: IAMAMOTO, M. V.; SANTOS, C. M. (org.). *A história pelo avesso: a Reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais*. São Paulo: Cortez, 2021. p. 245-270.
- IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. de. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. 36. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- KAPPEL, T. M. *Aprendizagem: o caminho percorrido para a construção do "EU" profissional*. 1991. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.
- KONDER, Leandro. *O que é Dialética*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- MARTINELLI, M. L. Revisitando uma Trajetória: o programa de pós-graduação em Serviço Social da PUCRS. *Revista Textos e Contextos*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 1-7, 2002. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/922/702>. Acesso em: 12 mar. 2022.
- MARX, K. *O Capital: Crítica da Economia Política*. São Paulo: Boitempo, 2011. (Livro 1).
- MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- NETTO, J. P. A propósito da disciplina de metodologia. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 14, p. 5-15, abr. 1984.
- NETTO, J. P. *Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no pós-64*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- NETTO, J. P.; CARVALHO, M. C. B. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo, Cortez, 2000.
- QUIROGA, C. *Invasão positivista no marxismo: manifestações no ensino da Metodologia no Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1991.
- ROCHA, C. L. V. *O Trabalho Policial: seu caráter patogênico e a laborterapia como atividade estruturadora*. 1994. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.
- ROCHA, L. M. S. *Relato de uma Experiência Prática em que os Conflitos são Postos à Tona*. 1984. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1984.

SCHEFFER, G.; CLOSS, T. T.; ZACARIAS, I. R. Antecedentes da Reconceituação Latino-Americana na Escola de Porto Alegre - RS. *Revista Textos e Contextos*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 67-80, jan./jul. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/30390/17153>. Acesso em: 5 mar. 2019.

SCHEFFER, G.; CLOSS, T. T.; ZACARIAS, I. R. A Reconceituação Latino-americana na Ditadura Brasileira: a renovação do Serviço Social gaúcho. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 135, p. 327-345, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ss-soc/a/DryPykbBhYnLqMQ86xwYzTf/?lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2020.

SCHEFFER, G.; CLOSS, T.; ZACARIAS, I. R.; MIZOGUCHI, J. F. O reformismo reconceituador entre a articulação latino-americana e a renovação do Serviço Social brasileiro. In: IAMAMOTO, M. V.; SANTOS, C. M. (org.). *A história pelo avesso: a Reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais*. São Paulo: Cortez, 2021. p. 95-115.

SCHERER, G.; MACHADO, G. S.; ZACARIAS, I. R.; MIZOGUCHI, J. F.; CHIMINI, L.; CLOSS, T. T. Análise da Constituição da Pós-Graduação no Rio Grande do Sul e das suas Tendências de Pesquisa (1975-1985). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 16., 2019, Brasília. *Anais* [...]. Brasília, 2019. Tema: "40 anos da "Virada" do Serviço Social". Disponível em: <https://brosequini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/1332>. Acesso em: 3 abr. 2021.

SCHNORR, R. C. C. *O Serviço Social e a saúde do trabalhador contextualizada numa práxis empresarial*. 1994. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

SILVA, E. L. *O processo de participação como indicador de possíveis transformações nas relações Empregados / Empregador*. 1987. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987.

SILVA, L. N. *Serviço Social e Marxismo: tendências da formação graduada na PUCRS (1982-1996)*. 2021. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Políticas Sociais e Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SIMIONATTO, I. As abordagens Marxistas no Estudo dos Fundamentos do Serviço Social. In: GUERRA, Y. D. A. et al. (org.). *Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica*. Campinas: Papel Social, 2018. p. 85-114.

SPOSATI, A.; BONETTI, D. A.; YAZBEK, M. C.; FALCÃO, M. do C. C. *Assistência na Trajetória das Políticas Sociais Brasileiras: uma questão em análise*. São Paulo: Cortez, 1986.

TEIXEIRA, R. J. *Fundamentos do serviço social: uma análise a partir da unidade dos núcleos de fundamentação das diretrizes curriculares da ABEPSS*. 2019. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

YAZBEK, M. C. Fundamentos históricos e teórico-metodológicos e as tendências contemporâneas no Serviço Social. In: GUERRA, Y. D. A. et al. (org.). *Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica*. Campinas: Papel Social, 2018. p. 47-84.

YAZBEK, M. C. et al. Projeto de Revisão Curricular da Faculdade de Serviço Social – PUCSP. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 14, p. 29-103, abr. 1984.

---

## Luciana do Nascimento da Silva

Mestre em Política Social e Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; especialista em Saúde da Família e Comunidade e especialista em Saúde Mental pelo Grupo Hospitalar Conceição (GHC), em Porto Alegre, RS, Brasil. Assistente social CAPS AD III, em Porto Alegre, RS, Brasil.

---

## Thaís Teixeira Closs

Doutora e mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Luciana do Nascimento da Silva/ Thaís Teixeira Closs  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Rua Ramiro Barcelos, 2777, sala 318  
Santana, 90035-007  
Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação das autoras antes da publicação.*